

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 249
15 de maio de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos. Sejam bem-vindos.

Flavio Morgenstern havia pedido que eu desse um curso sobre a arte do debate. Vou dar esse curso mais dia ou menos dia, mas para adiantar o expediente, hoje queria dar algumas dicas a respeito.

A primeira dica a respeito de debates é: fujam, não entrem neles. Não está na hora. Evidentemente a nossa melhor maneira de atuar na sociedade é através de livros. Você só entre num debate quando tiver um ou dois livros de boa qualidade publicados; então você já entra com um currículo por trás. Fora isso, você já vai entrar em desvantagem. Em segundo lugar, a primeira coisa num debate é avaliar corretamente a situação de debate, e não propriamente o conteúdo do que se vai discutir. Essa situação de debate é definida sobretudo pela pessoa do adversário, quer dizer, o que ele está procurando no debate, qual é o objetivo dele e como você deve tratá-lo. Aristóteles foi o sujeito que melhor equacionou as regras da confrontação de provas. Ele dizia que não se deve discutir jamais com quem não conhece ou quem não respeita as regras da prova. Então isso fica como um preceito universal.

Essas situações de debate podem variar muito. A primeira, e a situação ideal, seria aquela em que tem dois estudiosos que dispõem do mesmo corpo de informações e que conhecem e respeitam as regras da prova, ou seja, um debate científico. Debate científico acontece. Por exemplo, vários debates em que James Craig entrou são deste tipo, quer dizer, ele estava se confrontando com pessoas que têm um currículo de realizações científicas e que em princípio são capazes de acompanhar uma demonstração, e onde ali a prova lógica é tudo. Portanto, cada um entra com uma tese determinada, esta tese é apresentada de antemão, em seguida apresentam os argumentos contra ou a favor. O famoso debate entre Gilbert Chesterton e George Bernard Shaw — você pode ver inúmeros debates desse tipo ao longo da história. É um debate entre dois concorrentes que estão mais ou menos em igualdade de condições, que seguem o mesmo corpo de regras e que em princípio tem acesso aos mesmos conhecimentos. Portanto, só resta ali a confrontação da prova lógica.

Um debate deste tipo ao longo dos últimos trinta ou quarenta anos nunca aconteceu no Brasil; isto é quase impossível. Em primeiro lugar, porque toda a atividade cultural e educacional no Brasil foi instrumentalizada para servir a uma atividade de cabos eleitorais no fim das contas, e então você não vai se confrontar com alguém assim. Quando você tem as condições atendidas, isto é, quando você tem a igualdade dos dois contendores, tanto no sentido da sua preparação intelectual quanto da sua honestidade, então você deve se concentrar

evidentemente no conjunto de provas que você possa oferecer da sua tese. Mas quando não é assim, então, em primeiro lugar, você precisa ver que o outro contendor em geral não entra com uma tese, ele entra com uma impressão que ele deseja passar. Neste caso então o eixo do debate se transfere da esfera lógica para a esfera psicológica, quer dizer, você está confrontando não uma idéia propriamente dita, mas uma pessoa. Uma pessoa que deseja de algum modo dar uma boa impressão para a platéia e atrair a simpatia. É uma confrontação puramente psicológica. Neste caso, aquele que vem com uma tese e procura defendê-la o melhor possível está numa tremenda desvantagem. Não há uma equivalência dos argumentos de parte a parte. O que acontece em geral em todo debate no Brasil é que não existe uma interpenetração intelectual, não existe uma efetiva troca de idéias que possa enriquecer os dois participantes e a platéia; quer dizer, um está falando num plano e o outro está falando num outro plano completamente diferente.

Vou ler aqui para vocês umas notas que tomei a respeito do debate entre Flavio Morgenstern e Igor Fuser e que serão publicadas no Diário do Comércio, mas acho melhor vocês saberem antes. O título é “Falsificação integral”:¹

Já nos primeiros dez minutos do seu debate com Flávio Morgenstern no Grêmio Politécnico, sobre a ditadura militar,² o prof. Igor Fuser exemplificou com rara concisão a regra de que ninguém pode mentir com eficiência se não falsifica primeiro a própria situação de discurso.

Isso aqui é absolutamente fundamental. Existe uma situação real na qual os dois debatedores estão se confrontando e existe o conteúdo das idéias que são ali expressas. O conteúdo das idéias está em função da situação de debate, e não contrário, quer dizer, as palavras não geram uma situação, a situação está dada.

Ele começou se queixando de que não há espaço para debates sobre o tema na grande mídia, onde reina a versão oficial única e indiscutível. Quem o ouvisse acreditaria, portanto, estar diante de um porta-voz da minoria amordaçada. (...)

Quem reclama de que só existe uma opinião dominante na mídia? Só pode ser aquele que não participa da opinião dominante e que foi excluída. Ele começou dando exatamente essa impressão.

(...) Uma vez transmitida essa impressão, o prof. Fuser estava livre para impingir à platéia, sem temor de represálias, a mesma versão oficial à qual ele parecia se opor. E assim ele fez.

E assim ele fez. Ora, isto aqui é o tipo do paradoxo quase imperceptível. O sujeito cria, pelo contraste entre o que ele está dizendo e o que ele está fazendo, um paradoxo na mente do ouvinte. Mas esse paradoxo vem muito rápido e, em seguida, você passa para o debate. Com isso, ele já travou a compreensão dos ouvintes. Se pudesse parar o debate aí e perguntar: “O senhor está reclamando de que a mídia toda repete uma opinião igual a sua, por que o senhor está reclamando? O senhor gostaria que houvesse uma opinião contrária ali? Ou ao contrário, o senhor está ganhando com essa situação?”. Se pudessem interromper o debate ali, a situação se esclareceria. Porém, essa técnica do paradoxo rápido certamente já diminui a capacidade de compreensão da platéia, você é obrigado a engolir uma situação que é totalmente artificial, que não corresponde à realidade da situação efetiva. O sujeito cria um teatro e coloca todo mundo dentro desse teatro.

¹ <http://wpres.olavodecarvalho.org/falsificacao-integral/>

² <https://www.youtube.com/watch?v=5h3jnaGz59Q&feature=youtu.be>

Essa versão é a seguinte: Em 1964 um governo democrático estava empreendendo, por vias legais democráticas, algumas reformas patrióticas que alarmaram o capital estrangeiro, o qual então se mobilizou para derrubar o presidente e instaurar uma ditadura.

É o que toda a mídia alardeia há mais de vinte anos, o que se repassa às crianças em todas as escolas do país, o que se imprime e reimprime em livros e mais livros de História. E foi o que o prof. Fuser repetiu com a cara mais bisonha do mundo, bem protegido sob a sua aparência enganosa de contestador da uniformidade.

O conteúdo do que ele está dizendo é falso, porém a situação já está falsificada. Portanto como você pode contestar a falsidade dentro de uma situação que já é falsa? A coisa já ficou difícil.

É versão cem por cento falsa.

Em primeiro lugar, João Goulart não promoveu reforma nenhuma. Falou muito em reformas, mas até o último dia o Parlamento lhe implorou que enviasse ao menos um projeto delas, coisa que ele adiou, adiou e acabou não fazendo nunca. A lei mesma da remessa de lucros, que segundo o prof. Fuser teria sido a “causa imediata” do golpe, (...)

Já foi a terceira mentira. A lei da remessa de lucros foi a causa eficiente que desencadeou o golpe, como se fosse a gota d’água. Não agüentamos mais esse João Goulart, então vem as leis da remessa de lucros, aí sim [0:10] você pisou no calo do capital estrangeiro, então vamos reagir.

A lei mesma da remessa de lucros, que segundo o prof. Fuser teria sido a “causa imediata” do golpe, só o que Goulart fez com ela foi sentar-se em cima do projeto, que acabou sendo aprovado por iniciativa do Congresso, sem nenhuma participação do presidente. (...)

Ou seja, João Goulart não tem absolutamente nada a ver com a lei da remessa de lucros.

(...) Se a fúria do capital estrangeiro contra essa lei fosse a causa do golpe, este teria se voltado não contra Goulart e sim contra o Congresso — Congresso que, vejam só, aprovou o golpe e tomou, sem pressão militar alguma, a iniciativa de substituir Goulart por um presidente interino.

Este é um detalhe enormemente importante. Por quê? Quando o então presidente do Congresso, Auro Moura Andrade, convocou o Congresso para declarar a vacância do cargo de Presidente e nomear então Ranieri Mazzilli como presidente interino, não tinha havido nenhum contato entre os militares que estavam na rua e o Congresso. Ou seja, eles não receberam sequer um telefonema dos militares, foi iniciativa do próprio Congresso. O mesmo Congresso que passou a lei da remessa de lucros se apressou em declarar vaga a Presidência da República, num ato que você pode considerar até não muito legítimo porque João Goulart ainda estava em território nacional. A Presidência não estava vaga, simplesmente o presidente não estava em Brasília, ele estava fugindo do território, mas ainda estava dentro dele. Pode-se dizer que o Congresso se apressou.

Em segundo lugar, é falso que Goulart governasse por meios democráticos. Num governo democrático, o executivo não reina como um monarca absoluto, mas obedece as leis e cede às decisões do Congresso democraticamente eleito.

Porque você insistir que era um presidente democraticamente eleito, sim, mas o Congresso inteiro era também democraticamente eleito. Aí são dois pesos e duas medidas. Você fica com a impressão de que houve, de um lado, um presidente democraticamente eleito e, de outro

lado, os golpistas militares. Não! Tinha, de um lado, o presidente democraticamente eleito e, de outro lado, o Congresso inteiro também democraticamente eleito.

(...) Goulart fez tudo o que podia para fechar o Congresso (...)

Poucos dias antes já tinha enviado um projeto de estado de sítio.

(...) mandou invadir com tropas militares o Estado da Guanabara, fortaleza da oposição, e prender o governador Carlos Lacerda, matando-o se resistisse (a operação falhou por um triz).
(...)

Falhou porque houve um congestionamento na Avenida Brasil, e os assassinos não conseguiram chegar em tempo ou lugar onde Lacerda estava. Isso foi confessado depois pelo próprio ministro que tramou a coisa. O Ministro da Guerra de Goulart foi a cabeça por trás de tudo isso aí.

(...) Não hesitou mesmo em usar contra esse Estado o recurso stalinista da “arma da fome”, vetando, através do seu cunhado Leonel Brizola, o fornecimento do arroz gaúcho que era uma das bases da alimentação do povo carioca.

Houve um pânico do Rio de Janeiro porque não tinha mais arroz.

(...) Como se isso não bastasse, protegeu a intervenção armada de Cuba no território brasileiro, ocultando as provas e enviando-as, por baixo do pano, a Fidel Castro. É eufemismo dizer que Goulart tramava um golpe de Estado: (...)

Muita gente diz que ele estava tramando um golpe de Estado, então nos apressamos e demos um golpe.

(...) seu mandato foi uma sucessão de golpes de Estado abortados.

Ele não estava tramando, ele já tinha tentado várias vezes.

Terceiro: não houve nenhuma, literalmente nenhuma participação americana na preparação do golpe. A famosa “Operação Brother Sam”, tão demonizada pela esquerda, nunca foi nem poderia ter sido nada disso, e só adquiriu essa aparência graças a uma vasta campanha de desinformação lançada pela KGB logo após o golpe, conforme confessou o próprio chefe da agência soviética então lotado no Brasil, Ladislav Bittman. Nesse ponto a mendacidade esquerdista chega a ser deslumbrante. Todos os jornais do país — a maldita grande mídia a que o prof. Fuser finge se opor — até hoje usam como prova da cumplicidade americana a gravação de uma conversa telefônica na qual o embaixador Lincoln Gordon pedia ao presidente Lyndon Johnson que tomasse alguma providência ante o risco iminente de uma guerra civil no Brasil. Johnson, em resposta, determinou que uma frota americana se deslocasse para o litoral brasileiro. Fica aí provado, na cabeça ou pelo menos na boca dos fúseres, que os americanos foram, se não os autores, ao menos cúmplices do golpe. Mas, para que essa prova funcione, é necessário escamotear quatro detalhes: (1) A conversa aconteceu no próprio dia 31 de março, quando os tanques do general Mourão Filho já estavam na rua e João Goulart já ia fazendo as malas. Não foi nenhuma participação em planos conspiratórios, mas a reação de emergência ante um fato consumado. (...)

Inclusive a resposta de Lyndon Johnson foi literalmente: “Ah, está assim? Então precisamos nos preparar para fazer o que for preciso fazer”. Quer dizer, no dia 31 de março estava começando a pensar: “Vamos nos preparar para o que for preciso fazer”.

(2) A frota americana estava destinada a chegar aos portos brasileiros só em 11 de abril. (...)

Você imagina, se os americanos tivessem participado da preparação do golpe, se estivessem informados da data da eclosão, a frota estaria lá no dia 31 de março ou mesmo na véspera. Se é para chegar só onze dias depois, quer dizer que a coisa só começou a ser tramada no dia 31 de março.

(...) Ante a notícia de que não haveria guerra civil nenhuma, retornou aos EUA sem nunca ter chegado perto das nossas costas. (3) É obrigação constitucional do presidente dos EUA enviar tropas imediatamente para qualquer lugar do mundo onde uma ameaça de conflito armado ponha em risco os americanos ali residentes. Se Johnson não cumprisse essa obrigação, estaria sujeito a um impeachment. (...)

Vocês vejam a discussão que está tendo agora a respeito de Bengazi. Havia um risco ali e não enviaram tropas para o lugar. Isto quer dizer, Johnson não precisaria de maneira alguma ter participado da trama do golpe, para no dia 31 de março começar a se preparar para enviar uma frota americana.

(4) As tropas enviadas não bastavam nem para ocupar a cidade do Rio de Janeiro, quanto mais para espalhar-se pelos quatro cantos do país onde houvesse resistência pró-Jango e dar a vitória aos golpistas.

Você imagina então se havia tropas americanas o suficiente para mandar desde o Rio de Janeiro até Minas Gerais e pesar decisivamente em favor dos golpistas, como supõe aí o sr. Igor Fuser. Quer dizer, a coisa é completamente absurda.

Para completar: se não houve intervenção americana, houve sim intervenção soviética, e profunda. Se até hoje a esquerda vociferante não conseguiu dar o nome de nenhum agente da CIA então lotado no Brasil — e, sem eles, como participar de uma conspiração? —, documentos recém-revelados provam, com nomes, que havia agentes da KGB infiltrados em todos os escalões do governo Goulart. Em dez minutos, o prof. Fuser conseguiu falsificar nada menos que tudo.

No restante do debate, ele mentiu mais ainda. Mas só esses dez primeiros minutos já mostram do que se trata. O sujeito, primeiro, finge-se de opositor a um consenso para reforçar esse consenso. Evidentemente não é uma tese que ele está defendendo, é um papel que ele está desempenhando; não é a mesma coisa. Porém, o conteúdo da tese só pode ser interpretado em função do papel que o sujeito está desempenhando. Quer dizer, para entender o conteúdo do discurso, é preciso entender a ação na qual ela se insere. Desde o começo a cena já foi montada para ser um negócio teatral. O curioso é que, depois de fazer isso, lá para diante, ele chamou Morgenstern de mentiroso. Aí virou o teatro do absurdo.

O que fazer numa situação desta? Se você não está diante de um interlocutor sério, que tem uma tese, com o qual você possa terçar as armas da lógica para provar uma tese ou desprovar a outra tese, se está diante de um sujeito que está encenando uma situação, a única coisa a fazer é analisar psicologicamente a situação e desmontá-la, de modo que as mentiras apareçam como mentiras e pelo menos a platéia fique sabendo do que se trata. Porém, além da platéia, existe um alvo que é mais importante nessas situações: o próprio interlocutor. Se o sujeito está lá fingindo, então ele está numa posição delicada; se você puxar o tapete, ele cai. Se diante disso você insiste em expor a sua tese e defendê-la logicamente, honestamente etc., você já entrou dentro do teatro, você está desempenhando um papel [0:20] e está aceitando a farsa como se fosse um debate normal, um debate aristotélico por assim dizer e, com isto, o sujeito já ganhou de alguma maneira.

O simples fato de ele conseguir impor essa farsa como se fosse uma atitude respeitável, é tudo o que ele quer. Ele não precisa que as pessoas acreditem em tudo o que ele disse, basta a farsa ter funcionado; já está bem. Por quê? Porque isso funciona na base do efeito acumulado. Ele não é o único que faz isso, tem centenas fazendo a mesma coisa. E, com isto, toda essa plêiade de vigaristas se impõe à inúmeras platéias como se fossem representantes qualificados, como se fossem intelectuais de respeito. E é isto o que lhe interessa. A decisão do debate propriamente dito não é tão importante, o importante é a imposição de papéis, é a imposição da situação. Eles não se incomodam nem mesmo de perder um debate, contanto que eles saiam de lá com a sua posição social reforçada. O homem aparece lá como professor de Relações Internacionais, ele não aparece dizendo que é um cabo eleitoral do PT, que está ali para mentir como um doido para eleger Lula ou Dilma. Ele não disse isso, ele se apresentou como professor, como intelectual. Só que ele não se comporta como um intelectual, ele se comporta como um cabo eleitoral, mentindo mais do que vendedor de geladeira usada. Se você aceita a situação, então de certo modo ele já ganhou, já ganhou o máximo que ele pode ganhar nessa situação.

Como você sabe que a situação de debate foi montada numa base farsesca, então você tem de transferir o enfoque desde a argumentação lógica para a análise psicológica da própria situação, e daí você restaura a possibilidade da confrontação de argumentos. Primeiro tem de limpar a situação. Já dei muitas vezes o exemplo do sujeito que vai jogar barulho na sua casa, mas por baixo da mesa está passando a mão na perna da sua mulher, e você fica todo contente porque ganhou o jogo de baralho. Não adianta ganhar o jogo de baralho, você tem de dar um jeito de expulsar aquele camarada.

A análise da situação psicológica mostra duas coisas: ou esse sujeito desconhece totalmente a história de 64, e, portanto, ele não tem autoridade intelectual para discutir o assunto; ou ele conhece e está fingindo, portanto ele não tem autoridade moral para discutir o assunto. Então você tem de limpar o terreno primeiro. E, neste caso, a minha recomendação é a seguinte: não entre num debate com essa gente para provar nada. Não vá com uma tese, não tente provar uma tese, somente desmonte a tese e a posição do adversário. Permaneça no lado crítico-analítico. O que está em discussão ali de fato não é o golpe de 64 e o que aconteceu em 64, isso é só o pretexto. O que está em discussão ali são duas pessoas, uma das quais personifica um trecho chamado esquerda e outra que personifica um trecho chamado direita. E tudo o que interessa é impor o representante da esquerda como uma pessoa qualificada, como um intelectual de respeito. É só disso que se trata, é um teatro realmente, não é um debate no sentido lógico-científico da coisa.

A recomendação é: não tente provar nada, só desmantele a máquina de falsificação. Não precisa xingar, não precisa ofender, mas mostre que a situação não é aquela que o sujeito está impingindo. Em primeiro lugar, a primeira coisa que seria preciso fazer ali seria corrigir essa coisa do papel falso que ele impôs no começo. Quer dizer, ele se apresenta como se estivesse contestando o consenso da mídia, quando na verdade ele está reforçando. Por que o sujeito fez isso? Nenhuma pessoa honesta faz uma coisa dessas. Se a minha opinião é a própria opinião dominante, não vou denunciar a opinião dominante evidentemente. Esta falsificação inicial determina todo o restante do que o sujeito falou durante o debate.

Nesta análise psicológica você precisa ver o seguinte: qual é o objetivo dela? Desmascarar o sujeito perante a platéia? Sim, em parte. Porém, o mais importante é desmascará-lo perante ele mesmo e fazer aquilo que Lenin dizia: fazer o adversário perder a vontade de lutar. Porque quando o farsante é desmascarado, ele entra em depressão imediatamente, e daí ele perde o

gosto pela coisa. E se você fizer isso, você desativa um cara desses durante anos. E como esse pessoal está em toda parte, ocupam todas as posições, então tirar um deles da tomada é muito importante. O objetivo psicológico é este: você vai lá para deixar o sujeito deprimido, não para provar esta ou aquela tese, mesmo porque, nas condições em que o debate se travou, era impossível provar qualquer tese. No máximo, você poderia dizer que um dos lados teve argumentos melhores, mas isto não é prova. Você não vai persuadir ninguém de uma realidade histórica de quarenta anos atrás num debate de uma hora, isso é impossível. Precisaria na verdade muitos e muitos livros para isso. No caso, os livros estão todos a favor dele, quer dizer, ele está defendendo uma opinião que já é majoritária, que já está disseminada em todo lugar. Não é que ela é majoritária, ela é realmente única. Praticamente só agora está aparecendo uma ou outra pessoa que diz que não foi bem assim. Sobretudo o pessoal militar, o pessoal direitista e pró-64, o pessoal a favor do regime o defende muito mal porque tenta defendê-lo como uma totalidade, o que é impossível. Por exemplo, tem de enaltecer as obras dos regimes militares e tem de negar o óbvio, quer dizer, que houve tortura, houve assassinato. Não dá para fazer tudo isso aí.

Quando você entra no debate, você já está rotulado como se fosse um general de 64, você está defendendo o indefensável, você está defendendo o fascismo, a repressão etc.; e o outro lado está defendendo a democracia, os direitos humanos etc. Então você tem de desfazer toda esta máquina antes de entrar no mérito da questão. Em qualquer tribunal, antes de discutir o mérito da questão, um juiz examina as preliminares, quer dizer, se a coisa foi apresentada de uma maneira correta, decente; se não há uma falsificação inicial, se não há um erro de jurisdição. Em qualquer debate, você tem de fazer isto: discutir, primeiro, a própria condição do debate. Isto é básico. Senão você entra dentro de um teatrinho onde toda a vantagem está a favor do mentiroso. Se você aceita a farsa, não importa o que você diga depois, já está tudo falsificado.

Na verdade, ali Morgenstern não estava discutindo com um professor de Relações Internacionais, ele estava discutindo com um cabo eleitoral muito vagabundo, um farsante rasteiro. Era mais importante dismantelar essa máquina do que provar alguma coisa a favor do golpe de 64. Mesmo porque a confusão que se estabelece aí vem de muito longe. Por exemplo, esse pessoal diz que os americanos participaram do planejamento do golpe etc. Que não participaram já está mais do que provado. Se eles começaram a se preparar no dia 31 de março é porque não tinham participado. Na melhor das hipóteses, eles estavam informados de que alguma coisa iria acontecer, como disse o próprio Lincoln Gordon. Mas daí o pessoal levanta que eles tinham o dinheiro do IBAD, que os americanos davam dinheiro para o IBAD para eleger candidatos de oposição etc. Aí é o confucionismo mais perverso que você pode imaginar. Por quê? A idéia é dar uma impressão má da participação do governo americano no caso; então aí vale tudo. O fato de que a CIA tivesse dado dinheiro para certos candidatos — que parece que deu mesmo — é usado como prova de que participou do golpe.

Ora, mas é incrível! Se você pretende dar um golpe militar, para que você está participando da luta eleitoral? Para que você vai jogar dinheiro fora, alimentando candidatos, alimentando uma luta eleitoral democrática, se você vai dar um golpe militar no dia seguinte? Prova é exatamente o contrário: os americanos estavam dando um reforço para certos candidatos dentro do processo eleitoral normal. Eu não sei se, na época, a legislação proibia contribuições de campanha estrangeiras, mas hoje contribuição de campanha estrangeira é uma banalidade em todos os lugares, portanto não tem nada de inerentemente imoral na coisa. Mas a prova de que os americanos estavam apostando na oposição parlamentar, [00:30] e não em um golpe de Estado, é usado como prova de que eles participaram do golpe de Estado. Assim como o fato de Lincoln Gordon conversar com Lyndon Johnson no próprio dia 31 de março, e o presidente

dizer “Precisamos nos preparar”, é usado como prova de que já estavam se preparando antes. Quer dizer, tudo isso é evidentemente um absurdo e feito na base da prova por impregnação: se o sujeito está suspeito de ter feito uma coisa ruim aqui, é prova de que ele fez a outra coisa ruim ali. É um procedimento evidentemente difamatório, e só isso, não é nada mais do que isso.

Além do mais, o fator KGB é completamente escondido. Se o próprio homem da KGB confessou — não foi bem o Ladislav Bittman, foram os assessores dele — que foram eles que inventaram essa história da participação americana, isso tem de entrar no centro da discussão. Por quê? O próprio pessoal da esquerda diz que o golpe de 64 foi um episódio da Guerra Fria. Guerra se supõe pelo menos dois lados. A guerra era entre quem e quem? Entre os EUA e o Brasil? Ou era entre os EUA e a URSS? Como é que um dos personagens desaparece, dando a impressão de que a Guerra Fria se travava entre uma grande potência e dois ou três patriotas desarmados na América Latina? Isso é absolutamente grotesco, está falsificando tudo. Isso quer dizer que o teatrinho montado naquela circunstância serve para dar respaldo a muitas outras falsificações que já estão impregnadas, por assim dizer, na mente popular.

Então, desmontar o teatrinho é mais importante do que argumentar positivamente. Mesmo porque a regra mais elementar em filosofia é o seguinte: você não pode impor uma tese diretamente. Uma tese, em primeiro lugar, supõe que você afaste a tese contrária. Isso quer dizer que a parte crítico-analítica tem que preceder a parte positiva e probatória, caso contrário, não adianta nada. Eu sugiro que quando vocês forem desafiados para esse tipo de debate, imponham, em primeiro lugar, o debate por escrito; isso já facilita tudo, pois documenta o que o sujeito disse, e afasta a possibilidade do sujeito levar vantagem na *mission scene*, na qual eles são especialistas e vocês são principiantes; afasta inumeráveis confusões verbais, e de certo modo, força ao indivíduo a assumir o seu verdadeiro papel. Vocês devem se lembrar de que no meu debate com o professor Dugin, a primeira coisa que eu fiz foi analisar a situação de debate: “isso não é um debate proporcional, mas é o debate entre uma pessoa, um cidadão isolado que entra com a sua opinião e o representante de uma grande potência”, isso não é a mesma coisa. Vamos supor, qual é a função do Dugin no esquema russo? Ele é o equivalente do que era o Henry Kissinger para o governo americano. Então, você imagina se houve um debate entre Henry Kissinger e Arnaldo Jabor. A situação era mais ou menos essa. Então, primeiro você tem que primeiro esclarecer isso aí: aqui está um indivíduo que está dizendo o que ele pensa, do outro lado tem um indivíduo que está dizendo aquilo que interessa à estratégia político-militar russa, então, não é a mesma coisa, não estão desempenhando o mesmo papel, não são dois acadêmicos discutindo uma teoria científica. A situação de debate é mais importante, e precede o conteúdo do debate. Nessa situação pode haver um desnível, como no caso do Dugin, e pode haver uma falsificação efetiva como no caso do Fuser. No caso do Dugin não houve falsificação alguma, ele assume aquilo que ele é, eu quis apenas mostrar, digamos, o desnível. Então, ficam aí essas recomendações.

Segundo, não caiam na ilusão de que com participação em debates, com blogs, etc., vocês exerceram uma influencia efetiva. Tudo isso depende de você se escorar em um muro de livros, tem que publicar livros primeiro, isso é muito importante. Aqueles que não estão prontos para escrever livros esperem, não estamos com pressa. O nosso projeto de sanear o ambiente intelectual brasileiro é para 20 ou 30 anos pela frente, e nós vamos ter muito trabalho ainda.

Aqui eu tenho várias perguntas, mas antes eu queria fazer umas observações sobre uma moça que me enviou uma pergunta dramática:

Aluno: Em quem acreditar?

Olavo: Eu entendo perfeitamente o drama, a pessoa que está acabando de desembarcar no mundo, e houve milhões de discursos desencontrados, é normal que ela tenha essa dúvida. A primeira regra a seguir é a seguinte: não tenha presa de acreditar e nem de duvidar de coisa nenhuma. Você ficar no estado de pergunta, no estado de dúvida — dúvida não quer dizer negação, em primeiro lugar, duvidar não é contestar —, ficar no estado de dúvida por muito tempo é muito bom para você, desde que você entenda que é possível você vencer pelo menos algumas dessas dúvidas. Em segundo lugar, recomendo que leia a minha apostila “Inteligência, verdade e certeza”, para você tomar consciência de que existem quatro níveis de credibilidade, quatro gradações diferentes do acreditar. A primeira, é acreditar que uma coisa é uma possibilidade; a segunda é acreditar que é verossímil, que parece verdade; a terceira é acreditar que uma coisa é razoável; e a quarta é acreditar que essa coisa é realmente certa, verdadeira e inegável. E, ali eu explico que se a pessoa não sabe graduar as suas próprias opiniões segundo esses quatro níveis, então ela não sabe absolutamente nada. Quer dizer, se eu não sei se algo que eu penso é meramente possível, verossímil, provável ou certo eu não sei nada a respeito. Desenvolver essa prática de você graduar as suas próprias crenças de acordo com esses quatro níveis, se você souber fazer isso com as suas próprias opiniões você saberá fazer com as dos outros, mais tarde. Desses quatro, o mais importante é o primeiro, quer dizer, o mundo da possibilidade, todas as dúvidas se recortam dentro do possível, aquilo que é impossível você afasta desde logo e não se preocupa. Algumas pessoas tem um senso mais apurado do possível outras não. E a maneira correta e mais adequada de você ampliar e organizar a sua imaginação é através da leitura de obras de ficção. A ficção não lhe propõe nenhuma tese, nenhuma verdade, apenas explora uma possibilidade da vida humana. Então, muitas coisas nos parecem inverossímeis ou absurdas, simplesmente porque não combinam com aquilo que a nossa imaginação está acostumada, e isso é um erro muito frequente. Mas, a leitura de muitas obras de ficção vai ampliar a sua visão do possível e tornar mais fácil você passar daí para o verossímil, para o razoável e para o certo. Eu acho que esses dois conselhos, se você os seguir, com o tempo indicarão para você o que é acreditável e o que não é. Mas sem essa prática fica realmente muito difícil. O ensino secundário deveria dar essas práticas, deveria ensinar as pessoas a primeiro graduar as suas convicções de acordo com esses quatro graus, e segundo, ampliar a sua visão do possível pela leitura de obras de ficção, mas infelizmente não tem feito nada disso. Para escolher as obras de ficção, escolha sobretudo aquelas que são clássicas, aquelas que estão já consolidadas, tem a sua fama consolidada há séculos ou milênios, nunca vai lhe fazer mal algum ler a Ilíada, a Odisséia, ler Dante, Shakespeare, não vai lhe fazer mal nenhum. Sobretudo, se a sua dúvida é na área da política, ler Shakespeare inteiro já vai esclarecer muita coisa para você, porque você vai entender ali as motivações humanas que estão envolvidas na política e de uma maneira que não se define pelas pautas ideológicas [00:40] presentes; tudo isso pode ajudar muito.

Aluno: Há a possibilidade do professor Olavo falar em alguma ocasião sobre os documentos de Santa Fé?

Olavo: Sim, são documentos importantes sobre a penetração comunista no continente, mas eu não os examinei suficientemente, pretendo fazer isso algum dia, e quando fizer, eu vou comentar aqui se for possível.

Aluno: O senhor pode indicar alguma leitura honesta sobre a Ditadura Militar no Brasil?

Olavo: Bom, o historiador Marco Antônio Villa publicou o livro *Ditadura a Brasileira*, que parece bastante honesto, embora não seja muito completo. Mas eu sugeriria antes de tudo que você lesse o longo depoimento prestado pelo Carlos Lacerda ao *Jornal da Tarde* que foi publicado pela editora Nova Fronteira com o título *Carlos Lacerda: Depoimento*. É um livro grosso, e ali você fica sabendo um monte de coisas realmente importantes do que se sucedeu em 64, do ponto de vista de alguém que em um primeiro momento apoiou e depois se tornou um dos grandes adversários do Regime Militar.

Aluno: Sou aluno a pouco tempo do curso e gostaria de fazer algumas perguntas: em primeiro lugar, gostaria de pedir ao senhor indicações de leitura sobre filosofia da educação (...)

Professor: Bom, eu sugiro antes de tudo que você leia a *História da Educação* do Rui Affonso da Costa Nunes, que é a melhor história da educação que eu já li, que foi produzida no Brasil. É um livro que infelizmente não tem o destaque que merece, embora ainda seja usado em cursos universitários. Rui Affonso da Costa Nunes, *História da Educação*. Ele partiu do que o Henri-Irénée Marrou tinha escrito da história da educação na antiguidade e daí morreu, e o Rui Affonso decidiu continuar a coisa até o fim. É realmente uma obra prima. Em segundo lugar, eu recomendo para você os livros do Gilbert Highet, sobretudo *The Art of Teaching*, é um livro muito importante e também *Man's Unconquerable Mind (A mente inconquistável do homem)*, esses dois livros são muito importantes para isso.

Aluno: (...) E depois gostaria de saber se conhece o filósofo Arindo Moreira, que escreveu o livro Professor não é Educador. Estava lendo os seus livros e gostaria de lhe enviar alguns também. Se tiver como enviar, pode me passar o endereço depois?

Olavo: Sim, o endereço é esse: P.O. Box (Caixa Postal) 71327. Embaixo você põe: 2000 – Starling Drive. Cidade é Henrico, VA, 23229. Quem precisar mandar alguma coisa é só enviar nesse endereço.

Aluno: O senhor poderia indicar alguns bons livros sobre satanismo e seitas satânicas?

Olavo: Bom, eu acho que existem muitos livros sobre isso, mas em primeiríssimo lugar você tem que se informar direitinho sobre quem é essa pessoa, o capeta, e eu acho que a melhor maneira é você ler os livros do Pe. Gabrielle Amorth. Eu li o livro na tradução francesa, *l'Exorciste d'une parole (Um Exorcista vos Fala)* e eu não sei o título que foi publicado em português, aliás, pela editora Ecclesiae. Em segundo lugar, o livro do Pe. Malachi Martin, *Hostage to the Devil*, é a história de cinco exorcismos realizados aqui nos EUA. Então a hora que você tiver mais clara a noção do que é o demônio, aí você pode começar a estudar seitas satânicas, mas não antes.

Aluno: Professor, o senhor concordaria que o Flávio ganhou o debate, certo? Porém ele não humilhou o adversário. Como disse um crítico, ele ganhou por pontos.

Olavo: Mas é o tal o negócio: a superioridade intelectual do Flavio Morgenstern ficou patente, tá certo, e eu creio que ele convenceu a parte honesta da platéia. Mas, note bem, o objetivo de um confronto desse tipo não é você provar uma tese, mesmo porque esses 51% já concordaria com o Flavio Morgenstern antes. Então, é a mesma coisa que dizer que ele converteu os fiéis. Ele mesmo disse que ali na platéia havia pessoas bem informadas, e que sabiam que ele estava dizendo a verdade. Sem dúvida, nesse ponto de vista é claro que ele tem razão. Porém, você ganhar por pontos de um adversário que você deveria nocautear aos dois minutos do primeiro *round*, eu acho que é conceder muito terreno. O Igor Fuser era realmente um

farsante, ele tinha de ser desmascarado não ante a platéia, mas ante os seus próprios olhos, isso é importante. Quem tem que dizer que você ganhou não é a platéia e nem você mesmo, é o adversário. Ele tem que sair de lá de cabeça baixa e disposto a ficar quieto por muitos anos à frente: este é que é o único objetivo desses confrontos, remover essas pessoas do cenário intelectual onde elas não têm o direito de estar de maneira alguma. Quer dizer, a academia/universidade, não é lugar para cabo eleitoral, não é lugar para agente petista, nem para agente de coisa nenhuma: ela é o lugar de gente séria. Ele mesmo na segunda parte do debate posou de acadêmico “eu estou acostumado com o debate acadêmico e não com essas mentirinhas”. Quer dizer, aí a farsa chegou ao máximo. O problema não é o conteúdo do que foi dito, o conteúdo que ele disse é tudo mentira, mas a mentira está sustentada na farsa inicial. Em geral essas pessoas fazem isso, elas já chegam e já assumem uma posição falsa nos primeiros minutos, já desempenham um papel falso. E se você não limpa essa situação, não há debate mesmo. Você tem de restaurar a verdade da situação do debate. Então, por exemplo, quando eu estava discutindo com o Alaor Caffé, eu fiz questão de dizer: “primeiro de tudo, eu estou discutindo aqui com um amador, uma pessoa que nunca estudou o assunto”. É importante isso aí. Se eu fosse discutir marxismo, por exemplo, com o Carlos Nelson Coutinho, eu não posso negar que ele estudou o assunto por mais de 30 anos, que sabe alguma coisa sobre a respeito. Ou com o Jacob Gorender. Por exemplo, não poderia discutir a escravidão no Brasil com o Jacob Gorender sem reconhecer que ele estudou o assunto, que ele conhece profundamente, e que ele é o autor de um grande livro a respeito. Então, isso é diferente, agora quando chega lá o sujeito que está apenas enganando a molecada, com verniz de conhecimento, nós temos que nivelar isso logo de cara, tá certo? Não se trata de ofender o cara, de insultar: você dizer que o indivíduo não estudou o assunto não é ofendê-lo, absolutamente. Ofensivo é o sujeito sem conhecimento se apresentar em um debate confiado na sua posição social. Ou quando eu tive aquele confronto com o João Pedro Stédile, ele estava lá falando como se fosse em nome de uma massa de perseguidos, permanentemente ameaçado pelos malvados fazendeiros, quando na verdade o próprio livro dele *A Questão Agrária no Brasil*, provava que a questão da violência do campo é mínima se comparado a qualquer cidade no Brasil. Se você somar o campo brasileiro inteiro, não dá para concorrer com a cidade de Sorocaba, ou São Tomé das Letras. Então, é uma posição falsa, não é apenas o conteúdo que é mentiroso. Ele está se apresentando com um papel que não é o dele, então vamos parar de palhaçada e vamos conversar sério aqui.

Aluno: Em uma aula o senhor falou que Hegel não era muito honesto intelectualmente, que ele deu uma ajeitada maçônica nas suas idéias, procurei sobre isso, mas não encontrei o que aconteceu com relação a isso. Você poderia me ajudar a entender o que aconteceu? Preciso de fontes ou de sua explicação.

Olavo: A fonte para a explicação que você precisa é uma só, e é um livro excelente: o autor se chama Jacques D'Hondt, *Hegel Secret (Hegel Secreto)*. Essa é a única fonte que existe, que eu encontrei pelo menos, mas está tudo lá.

Aluno: Por exemplo, eu admiro fulano e quero ser como ele. Isso é válido no exercício do necrológio, espelhar-se em alguém que já existe?

Olavo: Mas é claro que é. Quer dizer, 99% das qualidades que nós procuramos desenvolver, nós já as vimos em alguém. Se não é alguém que você conheceu, pelo menos alguém que você já leu. Se você [00:50] imaginar a quantos séculos o pessoal está lendo a imitação de Cristo, sem nunca ter visto Jesus Cristo em carne e osso. É a coisa mais normal do mundo. Só no Brasil que isso é proibido, no Brasil você só pode ser sempre superior a todo mundo, e só admirar pessoas com reservas. Chega aquele garoto de 18 anos e que diz assim “ah, esse tal de Olavo

até que é um rapaz de talento né” e bate nas minhas costas. No Brasil o pessoal faz assim; mas é tudo coisa de doente.

Aluno: Conheço o trabalho do senhor faz algum tempo, mas só iniciei seu curso online no momento em que ingressei no curso de graduação de Filosofia da Faculdade de Ciências e Letras da USP. Graças ao senhor eu ingressei na USP já sabendo que devia o que esperar daquele lugar. O senhor estava certo, dentro da Faculdade de Ciências Humanas da USP a carga ideológica que recai sobre os alunos é algo esmagador, tudo, absolutamente tudo naquele lugar arrasta os alunos recém chegados e pouco instruídos a adotar como verdade absolutas os cacoetes mentais esquerdistas e revolucionários, cuja falsidade o senhor expõe com clareza. Tendo incluído no início do curso com uma visão das bases da filosofia dos antigos, mas saltando logo para Descartes e Kant, vendo de forma só informativa alguma coisa dos medievais, tendo como objetivo aparente mostrar que Kant conseguiu deixá-los para trás terminantemente. Sem falar de um curso inteiro dedicado ao estudo de George Bataille, Michael Foucault e Judith Butler, colocado como matéria obrigatória sobre o nome de “Introdução a Filosofia I” e oferecido pelo futuro candidato a governador do estado de São Paulo, Vladimir Safatle. Comentando que antes dele, esse curso era oferecido logo de início pela Marilena Chaui. Nessa bagunça, acreditei firmemente que ficaria só em meio à escuridão, mas não foi isso que aconteceu: dentro da USP encontrei pessoas – e não eram poucas – que conheciam e admiravam sinceramente o senhor e o seu trabalho. Essas pessoas, porém, temerosas dos problemas que poderiam criar para si mesmas ao admitir essa admiração, ficam em silêncio só comentando a seu respeito com o nome de Luiz Pimentel (...)

Olavo: Mas aí é sacanagem, eu fico parecendo parente do Hélio Pimentel, ai não vai dar! Faz logo como o Rodrigo Constantino, chama de Otávio de Ramalho!

Aluno: (...) Isso me surpreendeu, alunos da USP, inclusive de esquerda, admitem que estudam trabalhos feitos pelo senhor as escondidas, como por exemplo vi por acaso um aluno estudando um trabalho a respeito da erística de Schopenhauer. Dentro de tudo que apresentei, quadro curto do que tenho experimentando nesse primeiro semestre, gostaria de perguntar: o que o senhor considera bom de ser feito nesse quadro? Reunir essas pessoas em grupos de estudo (...)

Olavo: Sim, certamente. A união faz a força. Se você se sente absolutamente sozinho no ambiente, um homem sozinho não pode nada. Sozinho só se você for capaz de abrir caminho com os cotovelos, derrubar todo mundo em volta. Mas se você fizer isso um dia, no outro dia você não está sozinho mais. Então, *audaces fortuna juvat*, a sorte favorece os audazes. Mas, com um gesto de audácia você já conquista adeptos na mesma hora.

Aluno: (...) Seria esse o momento para começar a primeira fase da criação do movimento através do estudo da criação dos problemas? (...)

Olavo: Sem sombra de dúvida.

Aluno: (...) Se sim, por quais autores começar?

Olavo: Eu recomendaria mais na verdade o estudo aprofundado do próprio marxismo, para o qual eu já dei toda a bibliografia essencial em um artigo que chama “Estudar antes de Falar”.

Aluno: O senhor poderia falar a maneira para proceder dentro de um ambiente universitário, precisamente o que dizer a respeito ao professor que segue a cartilha marxista?

Olavo: Em primeiro lugar, você precisa estudar mais o marxismo do que ele, e quando o camarada começar a falar Marx disse isso, Marx disse aquilo você faz que nem o Woody Allen no filme “Noivo Neurótico, Noiva Nervosa” que eles estão discutindo Marshall McLuhan, e ele puxa o McLuhan na fila do cinema e fala “explica para esse cara que não foi isso que você disse”. Isso aí é muito bom você fazer porque, veja, marxismo no Brasil, que eu saiba, só quem leu *O Capital* foi um pessoal na USP que se reuniram em um grupo de sete pessoas e leram em grupo. Agora, no exterior você encontra milhões de pessoas que sabem *O Capital* de cor. Se você pega esse geógrafo David Harvey ele sabe cada linha d’*O Capital*. O Antônio Negri sabe de cor também. Mas no Brasil você não vai encontra marxista sério, o último marxista sério que teve foi o Jacob Gorender. Não sei se o Jacob Gorender já morreu, ou está com 173 anos. Mas era um homem que eu tinha o maior respeito por ele.

Voltando à pergunta, eu acho que o melhor antídoto contra esse negócio marxismo ainda é o Eric Voegelin, porque ele te leva a compreender o que está realmente em jogo no marxismo e nas ideologias revolucionárias em geral, se bem que ele não tenha feito a teoria geral da revolução, eu fiz a minha, e o pessoal do *Eric Voegelin Institute* acha que aquilo encaixa na construção do Eric Voegelin como um pilar que sustenta o edifício até melhor. Tanto a teoria do marxismo quando a teoria do milagre. Há vários pontos na filosofia do Eric Voegelin que são incompletos. O Eric Voegelin dificilmente terminou algum livro: o próprio *Order and History* ele parou na metade, a *História das Ideias Políticas* ele parou na metade, mas isso acontece na vida de um pesquisador que considera mais importante descobrir a verdade do que terminar os livros. Mas, sobretudo, a *Nova Ciência da Política* é indispensável que você leia tudo. Mas olha, duas mil páginas de marxismo, e as duzentas páginas da *Nova Ciência da Política* já compensa, se você colocar na balança você já está pelo menos um equilíbrio. O livro do Von Mises sobre socialismo, se ainda resta alguma dúvida a respeito, é um livro muito importante, que ele demonstra, para encerrar o assunto logo de cara, ele mostra a impossibilidade matemática de uma economia estatizada. Isso aí é não é para discutir mais, nem marxista discute mais. Porque você sabe que quando os russos invadiram a Alemanha o Instituto Mises ficou na parte Oriental, dominada pelos comunistas. Eles pegaram todos os papéis, levaram para Moscou e começaram a ler, e o pessoal ficou aterrorizado “óh raios, não é que o cara tem razão? Agora, o que nós vamos fazer?”. Então começaram a maquiar o socialismo, inventar fórmulas intermediárias como essa adota na China, e agora é adotada no Brasil também.

Aluno: Professor, estou traduzindo e tomando nota da obra A selection from Scrutiny, coleção do Frank Raymond Leavis de 2 volumes. O livro é tão rico que é difícil traduzir e ler mais do que cinco páginas por dia (...)

Olavo: Você tem razão, isto aqui é uma maravilha, essa coletânea feita da revista que o Leavis dirigia, tem artigos dele, da mulher dele, de uma plêiade de gênios da crítica literária, de fato é uma coisa incrível.

Aluno: (...) O professor indica, para melhor compreensão da obra, o acompanhamento uma enciclopédia, por exemplo, a Britânica?

Olavo: Bom, eu não sei. Uma enciclopédia eu não sei, eu gosto muito da *Encyclopaedia Universalis*, francesa, gosto mais dela do que da *Britânica*, mas ela é uma enciclopédia mais por assuntos, não assim por verbetes separados. De qualquer modo, eu sugiro que você use como referência este livro: *A Dictionary of Literary Terms*, de J. A. Cuddon, eu acho que disto você vai realmente precisar, enciclopédia escolha qualquer uma. Eu recomendo a *Universalis*, mas não

precisa ser ela. Mas olha, só o fato de você estar dedicando seu tempo a este livro vai lhe fazer um bem pelo resto da sua vida.

Muito bem, eu acho que por hoje vamos encerrar por aqui. De qualquer modo, eu parablenizo o Flavio Morgenstern pelo seu desempenho que foi muito bom, o problema é que ele estava com um adversário errado, estava se dirigindo seriamente a uma pessoa que não é séria absolutamente. É uma pena, porque eu conheci o pai desse seu Igor Fuser, Fausto Fuser, que era um intelectual muito sério. Mas era um intelectual dos anos 60, era uma coisa diferente. Fausto Fuser está vivo ainda, graças a Deus, eu nem sei se ele se lembrará de mim, mas eu tenho uma boa lembrança dele.

Então, até semana que vem, muito obrigado.

Transcrição: Jussara Reis de Abreu e Hestefani Lira
Revisão: Éricson Rojahn